



A cidade também é cheia de contrastes. Casas mais imponentes convivem, democraticamente, com barracos. A falta de esgotos é um dos problemas mais sérios

Uma cidade formada pelo desafio

ARTHUR HERDY

Em 1970, Brasília contava com várias invasões agregadas à antiga Cidade Livre, atual Núcleo Bandeirante. Eram mais de 80 mil pessoas vivendo em cerca de 15 mil barracos, em condições precárias e de marginalidade social, na Vila do IAPI, Morro do Urubu, Curral das Éguas, Placa da Mercedes, Vila Tenório e Vila Esperança. Feitos estudos pelo governo, decidiu-se pela sua remoção.

Entre os motivos alegados, além do aspecto social e urbanístico — as invasões não tinham nenhuma infra-estrutura — existia ainda o perigo da poluição do Lago Paranoá, já que as vilas ficavam na área planejada para o "cinturão verde" do Plano Piloto. Formou-se então, o Grupo Executivo de Remoção — GER, e começaram os trabalhos de transferência dos favelados.

Para servir de suporte aos tra-

balhos de remoção, o governo

do Distrito Federal criou a CEI

— Campanha de Erradicação

das Invasões. Veio daí o nome

do Núcleo habitacional, CEI-

Lândia, ou Terra de Cei, em ho-

menagem aos técnicos e ao pró-

prio programa.

Escolhido o novo local, próxi-

mo a Taguatinga e acima de on-

de seria construída a Barragem

do Rio Descoberto, elaborou-se

um projeto urbanístico e a área

ganhou alguma infra-estrutura,

mas bastante precária. O local

escolhido era um "cerradão."

Segundo contam os moradores,

as dificuldades eram muitas e os

desafios maiores ainda.

Em 27 de março de 1971, saiu

a invasão do IAPI, o primeiro

barraco para a Ceilândia. Edite

Martins recebeu a ordem de ocu-

pação nº 0001 e foi alojada na

QNM 23, Lote 12. De positivo e

real, apenas um lote e muitos so-

nhos. De negativo, a poeira, a

grande distância, a falta de

infra-estrutura urbana, de aten-

dimento de saúde, escolas, segu-

rança, transportes, água, luz, te-

lefone. Sobrava apenas a espe-

rança de dias melhores.

Os próprios "invasores", re-

movidos, construiram seus bar-

racos, na terra prometida por

Dom Bosco e que lhes foi desti-

nada em forma de pequenos lo-

tes. Mas para quem não tinha

nada, já foi um primeiro passo.

A CEI oferecia uma parte do

material para a construção dos

novos barracos, como madeiras,

pregos, etc. Assim mesmo os

problemas eram muitos.

Invasão do IAPI, Vila Tenó-

rio, Placa da Mercedes, enfim,

uma a uma foi sendo removida.

Concentrou-se então várias fa-

velas em um único local. Na Cei-

lândia, foi alojada uma popula-

ção cuja renda era de zero a três

salários mínimos. Criou-se, en-

tão, a fama de que a Ceilândia

era a "maior favela do Distrito

Federal", cidade de crimes,

marginais, prostitutas e de mu-

tos problemas. No dia cinco de

março de 1972, removeu-se o úl-

timº barraco para aquela nova

cidade-satélite.

O tempo foi passando. Os

problemas continuaram. Alguns

foram resolvidos, outros desa-

fiam o tempo e persistem até os

dias de hoje. Para que se tenha

uma idéia, Ceilândia passou cí-

cóis anos sem água, sem contar a

falta de atendimento médico-

hospitalar. A água chegou, o

atendimento de saúde também

— a cidade conta com um posto

de saúde, um Hospital Regional

com maternidade e, ainda, com

nove centros de saúde. Carece

ainda de mais segurança — a ci-

dade tem apenas uma delegacia

de polícia — e empregos para

seus moradores.

DORMITÓRIO

Para se definir Ceilândia de

hoje, inicialmente é preciso dei-

xar claro que o núcleo habitacio-

nal não é uma cidade-satélite,

embora já tenha se desmembra-

do da Região Administrativa

III, que compreende a área de

Taguatinga.

Por um lado, Ceilândia de hoje é uma "cidade" dormitório, onde moram as pessoas de menor poder aquisitivo dentro do Distrito Federal. Por outro, abriga um comércio regular e um certo desenvolvimento de pequenas indústrias, como serrarias, fábricas de pre-moldados para pequenas construções e oficinas mecânicas.

O seu desenvolvimento industrial não é maior, porque até hoje ainda não foi totalmente implantado o setor de indústrias locais, objeto de luta de seus empresários há muitos anos. A área já está definida e com infra-estrutura, mas ainda permanece um impasse quanto aos preços dos lotes, considerados alto pelos empresários.

Segundo afirma a administradora regional, Maria de Lourdes Abadia, "os nossos problemas aumentaram consideravelmente com a inclusão dos três setores habitacionais, todos carentes e necessitados de obras de infra-estrutura, já que foram entregues sem que fossem implantadas".

As casas foram construídas pelo Banco Nacional da Habitação — BNH e distribuídas através da Sociedade de Habitação e Interesse Social — SHIS. Atualmente, os setores "P" Norte e Sul estão recebendo várias obras

de infra-estrutura e se transformam no grande canteiro de obras do Distrito Federal.

DESEMPREGO

Além dos problemas decorrentes de carências na área física, o maior de todos é o desemprego, que tem, como consequência, a marginalização social, com o crime, a violência e a prostituição aumentando dia-a-dia. A causa principal desse problema foi o desaquecimento da construção civil no Distrito Federal e que se refletiu diretamente em Ceilândia, onde residia a maioria dos operários e empregados das obras.

Sem emprego, com poucas perspectivas, o morador de Ceilândia busca nas chamadas "ocupações alternativas" — os biscoiteiros e camelôs — o trabalho para ganhar o mínimo e não morrer de fome. Por outro lado, as "ocupações marginais" e o crime cresceram em procentagem que de tão alta, criou para Ceilândia a imagem de "Baixa-fluminense" do DF.

Para os sociólogos, "é a ne-

cessidade gerando a violência e o crime, pois, cansado de bater de porta em porta à procura de trabalho, cansado de não haver vagas, o homem em desespero parte para a desestruturação, tanto a nível de consciência como no que diz respeito à convivência social".

Desesperado ao constatar que seus familiares estão passando necessidades, o desempregado parte para o crime, a marginalidade, o alcoolismo, as drogas e a prostituição.

Ainda dentro da visão dos sociólogos, no que diz respeito à marginalidade e prostituição, um dos fatos marcantes é que os moradores de Ceilândia mais novos, filhos dos "pioneiros" que trabalharam na construção civil, não aceitam o mesmo destino do pai, influenciados pela TV e por um certo esclarecimento — Ceilândia tem atualmente 100 mil crianças matriculadas em suas escolas —, eles se rebelam e partem para criminalidade, como forma não de sobrevivência, mas de agredir a uma so-

ciedade que os humilha e opri-me.

Essa tese encontra respaldo no fato de que, a faixa etária dos assaltantes e marginais situa-se entre 16 e 24 anos, sendo que, precocemente, é grande o número de "pivetes" de menos de 16 anos. Quanto à prostituição, em alguns casos uma forma encontrada pelos pais, de forçar suas filhas a trazerem dinheiro para sustentar a casa é tão expressiva na cidade que já foram catalogados 49 prostíbulos.

Com alguns acertos e muito erros, um deles, o mais grave, a concentração de favelado, projeto que havia fracassado no Rio de Janeiro, onde fizeram o mesmo, Ceilândia chega aos 11 anos.

A administradora regional tem esperança em dias melhores. Os comerciantes, empresários e moradores também. E cobram do Presidente João Figueiredo a sua promessa de transformar a cidade "na menina dos seus olhos", como ele prometeu ao assumir o governo.